

Memoria.

("Ars Electronica" Linz, 13.-18.9.88, Tradução para Milton Vargas.)

Somos entes que não apenas adquirem informações, mas que as armazenam, afim de transmiti-las. Transmitimos não apenas informações herdadas, mas igualmente as adquiridas. Nisto somos diferentes dos demais entes vivos, nisto reside a nossa "dignidade humana", (se por "dignidade" entendermos "classificabilidade"). Ora, tal "dignidade" não é tão impressionante quanto parece a primeira vista. Os lugares nos quais armazenamos as informações adquiridas não são muito eficientes. Fosse nossa memória cultural, (o lugar de armazenamento de informações adquiridas), pelo menos tão fiável quanto o é a nossa memória genética, seríamos efetivamente "entes históricos", mas isto não é o caso. As memórias culturais até agora elaboradas não permitem que as informações adquiridas por uma geração sejam armazenadas por cima das adquiridas pelas gerações precedentes, e destarte fazer com que história seja processo cumulativo. As memórias culturais disponíveis guardam mal, (esquecem), e permitem que as informações armazenadas sejam deformadas com o tempo. Para que possamos nos tornar "entes históricos" no significado exato do termo, deveríamos dispor de memórias culturais mais fiáveis e mais duráveis. A verdadeira meta da história é elaborar memória "aere perennius", (mais durável que bronze), e será apenas se e quando alcançada tal meta, que "história" merecera seu nome. Ora, quer parecer que estamos atualmente alcançando tal meta: na forma de inteligências artificiais, (termo este inapropriado). Quer parecer que estamos, finalmente, atingindo a tal "dignidade humana", que estamos começando efetivamente a ultrapassar a nossa condição animalésca. O propósito das considerações aqui apresentadas é o de refletir sobre isto.

.....

Nossa memória genética é muito durável. As informações herdadas são guardadas na biomassa que as conservara pela duração da vida sobre a Terra. Mas a biomassa não é extremamente fiável. As informações nela guardadas são codificadas em moléculas complexas, e são constantemente re-copiadas. Apesar de numerosas garantias, erros de cópia ocorrem permanentemente. As garantias fazem com que a maioria de tais erros sejam eliminada enquanto "mutação inviável". Mas alguns dos erros escapam ao controle, e constituem a "evolução da vida". De maneira que atualmente existem informações divergentes na biomassa, e a informação original é difícil a ser recuperada, (se é que se conservou em alguns dos protozoários ainda vivos). Isto sugere que a biomassa não pode servir de modelo para memória cultural a ser futuramente elaborada. (Observação importante para a biotecnica, a qual se esforça, precisamente, a transformar a biomassa a memória para informações adquiridas, em memória cultural portanto).

É difícil saber como os nossos antepassados longínquos armazenavam as informações por eles adquiridas, (no seu esforço para se tornarem homem). Isto é difícil, precisamente porque a nossa memória cultural não é boa. Mas é provável que procediam da seguinte maneira: codificaram a informação, a imprimiam sobre objetos, afim que outros a possam decodificar e armazenar no seu cérebro e sistema nervoso.

Os objetos destarte informados serviam pois de mediações, ("media"), entre a memória do emitente e a do receptor da informação adquirida. Muito provavelmente, dois tipos de objeto foram escolhidos para servirem de media: um tipo duro e um tipo mole, (hardware e software). Exemplo do primeiro tipo e pedra, (faca), do segundo e o ar, (fala). Cada qual destes tipos de media tem suas vantagens e desvantagens. Objetos do tipo "pedra" são relativamente duráveis, (e fiáveis), mas são ambivalentes: não são apenas suportes para memória, mas igualmente instrumentos, e enquanto instrumentos tendem a serem consumidos, (a perderem a informação neles guardada). O ar é facilmente acessível, as suas ondas são facilmente codificáveis, e seu aspecto instrumental é desprezível, mas tem duas desvantagens: é efêmero, (as ondas de ar se dispersam), e pouco fiável, (ruídos penetram a informação impressa sobre o ar, e a deformam). A memória cultural elaborada pelos nossos antepassados longínquos, (e utilizada durante incontáveis milênios até o presente), não é um sucesso muito impressionante.

Por certo: a memória cultural foi elaborada empiricamente, e não em base de teoria qualquer, (seja teoria da comunicação, seja informática, seja da ordem da neuro-fisiologia). As pessoas faziam o que faziam, (elaboravam memória cultural), sem analisarem o que estavam fazendo. Ora: nenhum fazer se passa sem que tenha ideologia qualquer, ("mito"), para justificá-lo. As pessoas elaboravam memória cultural, e justificavam isto ideologicamente. Temos acesso apenas a algumas ideologias relativamente recentes, mas estas permitem compreendermos alguns dos aspectos da evolução e transformação da memória cultural no Ocidente.

Era por demais óbvio que a memória cultural é pouco durável e pouco fiável, para que isto possa ser posto de lado. As vibrações do ar, (codificadas em língua falada), deformavam as informações transmitidas. E os cérebros receptores de tais vibrações eram pouco duráveis, (duravam no máximo 80 anos). Apesar disto, a língua falada e o cérebro eram preferíveis enquanto memórias a objetos duros, (a "monumentos"), porque os objetos duros não apenas transmitem informações, mas igualmente barram caminhos. (A dialética interna da mediação é menos óbvia no ar e no cérebro que nos objetos duros). Ora: tal identificação de "memória cultural" com língua falada e cérebro levou, há aproximadamente dois mil anos, a transformação radical do processo de armazenamento de informações adquiridas.

Tal transformação consiste em dois passos independentes um do outro, mas convergentes. O primeiro passo era transcodificar as vibrações do ar em código a ser impresso em objetos duros: o alfabeto foi inventado. O segundo passo era reformular o conceito "memória" da seguinte maneira: a língua não mais transmite informação de cérebro para cérebro, (não é mais "canal"), mas são agora os cérebros que estão inseridos na rede da língua, e transmitem informações de um lugar para outro da rede. O primeiro passo visa superar a pouca fiabilidade do ar, e o segundo visa superar a efemeridade de cérebros, (e de sistemas nervosos). O resultado disto era que a memória cultural ocidental passou a ser a biblioteca, (com as formas precedentes de memória cultural servindo de auxiliares). Efetivamente, a biblioteca é mais eficiente que as memórias precedentes, (as informações nela guardadas são mais facilmente recuperáveis). Uma espécie de "história" começa.

Conforme sugeri, tal transformacao do processo de armazenamento, ocorrida ha mais de tres mil anos no Ocidente, pode ser captada por analize de algumas das ideologias relativamente recentes que caracterizam a nossa cultura. Resumindo tais ideologias, o seguinte pode ser dito: A memoria cultural vai sendo identificada com a conversacao linguistica, (com o "discurso"), e o proposito da vida humana vai sendo percebido enquanto tendencia do homem para ser guardado e preservado no interior de tal memoria tida por "imortal" e "eterna". Segundo tais ideologias, a dignidade humana e precisamente sua capacidade para "elevar-se" ate tal memoria supra-individual, portanto "transhumana". Tais ideologias deixam de ser fantasiosas, se reformuladas em termos mais conformes com a maneira atual de ver as coisas: Afirmam elas que o homem pode salvar-se da sua condicao natural, (sobretudo do segundo principio da termodinamica), ao inserir-se na corrente negativamente entropica das informacoes cumulativamente armazenadas. O corpo, (o cerebro), esta condenado a desinformar-se, (morrer), mas as informacoes adquiridas e processadas, (a "alma"), podem inverter o processo da entropia. Vistas a partir de tais ideologias, as novas memorias podem ser interpretadas enquanto tecnicas que visam a salvacao das almas. Isto merece ser examinado.

.....

As ideologias em questao sao recuperaveis, sob formas ja elaboradas, de textos relativamente antigos, e aparecem sob duas formas convergentes: nos dialogos platonicos, (seculo 4 a.C.), e no Talmud, (seculo 3-2 a.C.). Eis o que afirma a ideologia grega: A memoria transhumana e especie de espaco, ("topos uranikos"), no qual informacoes, (formas, ideias), sao armazenadas segundo ordem "logica", (hierarquicamente). Nos, os homens, somos originarios de tal espaco, mas decaimos dele para o mundo das aparencias, (efemerias, sujeitas a entropia). Ao decairmos, atravessamos o rio do esquecimento, ("lethe"), o qual no entanto nao apagou as informacoes da nossa memoria individual, apenas as encobriu. O nosso proposito e descobrir as ideias em nos, ("a-letheia"), e destarte voltar para o "reino das ideias", (para o ceu). E eis o que afirma a ideologia judaica: A memoria transhumana e o dialogo que mantemos uns com os outros. Participamos da memoria transhumana, na medida em que conseguirmos reconhecer os outros. E seremos guardados em tal memoria, (seremos "imortais"), na medida em que formos reconhecidos pelos outros. De forma que somos responsaveis pela imortalidade dos outros, ("zikhrahah lebrakha"), e os mortos vivem, ("khajeh hamessim"), gracias a nossa propria memoria que os reconhece. Ora: reconhecer o outro implica reconhecer nele o que e Inteiramente Outro, (diferente). De maneira que o dialogo, (que e identificado com memoria), e no fundo o reconhecimento do Inteiramente Outro, e prece. Ao participarmos do dialogo, voltamos para "Deus".

Tais duas ideologias foram sintetizadas, (sobretudo pelo cristianismo), e em seguida se ramificaram. Continuam influenciando sobre grande parte dos nossos conceitos, (sobretudo sobre os nossos valores), ate hoje. Sob a luz da nossa experiencia com computadores, dois aspectos nos impressionam em tais ideologias: que o processo de armazenamento de informacoes e reificado, ("ceu", "alma", "Deus"), e que nao e feita a distincao entre software e hardware, (entre informacao e seu

to convidava a confusao entre memoria e suporte. Tivessem os pensadores da epoca aplicados os metodos da observacao fenomenologica, tal confusao poderia ter sido evitada. A maquina impressora nao transfere o manuscrito, mas apenas as letras, (nao o suporte, mas as informacoes armazenadas). A nocao de "software" poderia ter sido elaborada ja naquele tempo. Isto nao aconteceu, porque teria perturbado a ideologia burguesa entao triunfante. Teria obrigado a distinguir entre "informador", (escritor, processador de informacoes), e "trabalhador", (impressor, processador de suporte), e teria sugerido que processar informacoes e gesto mais decisivo que processar suportes, (mudar o mundo dos objetos). Ora, a ideologia burguesa e ideologia do trabalho.

Com a invencao dos computadores a distincao entre informacao e suporte, (e consequentemente a desvalorizacao do trabalho), se tornou inevitavel. Nao quero exagerar a reviravolta etico-politica destarte provocada: no proprio computador nao e sempre facil distinguirmos entre hardware e software. Tomemos o floppy disc como exemplo: e ele objeto mais ou menos duro, sujeito a ser quebrado, (sujeito ao segundo principio), e, no entanto, a tentacao e forte de identifica-lo com a memoria propriamente dita. No entanto: embora a ideologia reificante se infiltre na nossa praxis com computadores, a propria praxis a desmente. Porque nos obriga a distinguirmos entre gestos que manipulam a memoria propriamente dita, (por exemplo os que a alimentam e apagam), e gestos que manipulam suportes, (por exemplo transferem a memoria de aparelho para papel impresso).

Tal distincao que nos e imposta pela praxis vai revelando que perguntas do tipo "aonde esta a memoria?" sao isentas de significado. Dizer, em resposta a tal pergunta, que a memoria esta no monitor, depois no chip ou no floppy disc, e finalmente no papel impresso, e rigorosamente nao dizer nada. O que somos obrigados a admitir, (malgrado a ideologia tradicional), e o seguinte: "memoria" e o processo de armazenamento de informacao, e o proprio termo "memoria", (que e substantivo), e inapropriado. O termo "memorizar" e mais adequado, desde que admitimos que tal verbo significa processo cumulativo. De maneira que as perguntas relativas a memoria nao devem comecar por "aonde?", mas por "como?". Nao "de onde recupero informacao?", mas "como a recupero?". Todas as perguntas que comecam por "aonde?" nao visam a memoria propria, mas seu suporte.

Ora sugiro, (e isto e o proposito destas consideracoes), que a reformulacao da pergunta, (nao mais "aonde?" mas "como?"), implica profunda re-orientacao que tera consequencias imprevisiveis sobre a vida futura. Implica, entre outras coisas, que conceitos como "alma", "espirito", "identidade", "Eu", mas tambem conceitos como "imortalidade", "salvacao", "paraiso", "utopia", passarao a ser conceitos processuais, relacionais, e nao mais objetivantes. Embora as consequencias disto sobre a vida futura sejam imprevisiveis, obrigarao, sem duvida, a elaboracao de valores novos. Ja que memoria enquanto processamento armazenador de informacoes adquiridas e a dignidade humana, tal relacionalizacao do conceito implica reformulacao da dignidade humana.

.....

Resumo o argumento: Ate agora a invencao das memorias artificiais

tem sido objeto de varias consideracoes mais ou menos radicais e profundas. Sobretudo em dois dos seus aspectos: a relativa durabilidade e fiabilidade das novas memorias, e a transferencia da funcao da memoria do cerebro para aparelhos. O primeiro aspecto permite nao apenas o armazenamento cumulativo de informacoes, mas igualmente a permutacao entre informacoes armazenadas. (Como se os nossos antepassados tivessem nao apenas armazenado as informacoes umas sobre as outras, mas igualmente permutado informacoes adquiridas no MIT com informacao adquirida na epoca de bronze). O primeiro aspecto permite pois que se estabeleca "historia" em significado novo do termo. Quanto ao segundo aspecto, este permite que nossos cerebros sejam libertados da necessidade de armazenar informacoes, e portanto libertados para outras funcoes, como seja a de processar informacoes adquiridas. Permite pois que se espere por verdadeira explosao de criatividade.

No entanto, acredito que ha mais outro aspecto inerente a invencao de memcrias electronicas artificiais, aspecto que, conforme meu conhecimento, nao tem sido ate agora suficientemente considerado. E o aspecto que faz com que a praxis com computadores obriga a distinguirmos entre hardware e software, e portanto obriga a des-reificarmos o conceito "memoria", a retificarmos as ideologias que ate agora encobriram o processo de armazenamento. Como tais ideologias sao a fonte da grande maioria dos nossos valores, (senao de todos eles), este aspecto das memorias electronicas vai ter consequencias imprevisiveis sobre a vida futura. Por certo: meu argumento e radical, e apenas esboçado. Mas quer me parecer que merece ser refletido, e que seja apenas para ser refutado. E neste espirito que ousa apresenta-lo.